

MOSTRA
DE FILMES

A
BELEZA
SOMBRIA DOS
MONSTROS:

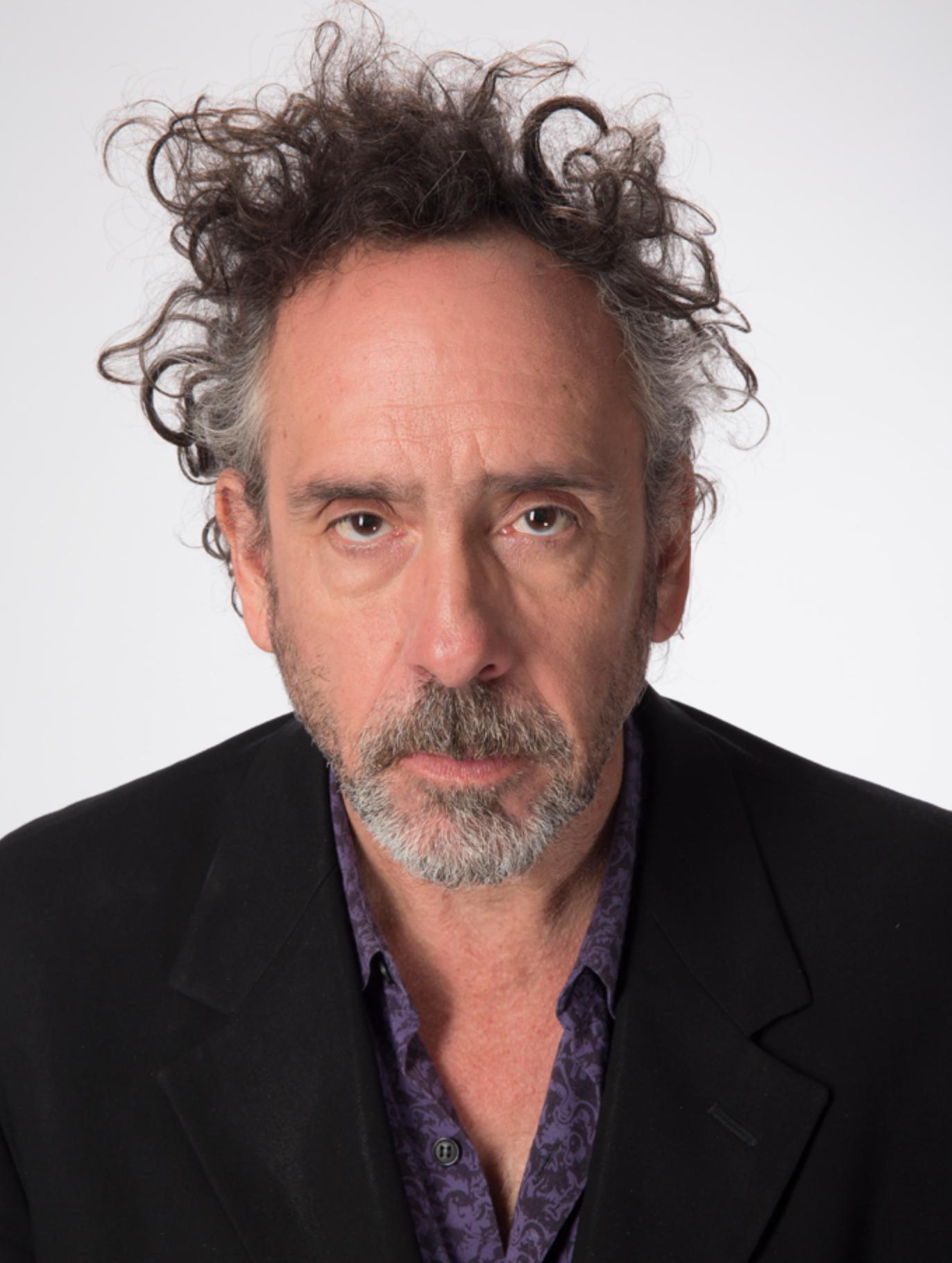
13 ANOS DE
A ARTE
de TIM
BURTON



MOSTRA
DE FILMES

A
BELEZA
SOMBRIA DOS
MONSTROS:

13 ANOS DE
A ARTE
de TIM
BURTON



O artista e diretor Tim Burton (americano, nascido em 1958) é internacionalmente conhecido como a força criativa por trás de alguns dos filmes mais emblemáticos das últimas três décadas. Os personagens e mundos inesquecíveis em filmes como *Beetlejuice* (1988), *Edward Mãos de Tesoura* (1990), *O Estranho Mundo de Jack* (1993), de Tim Burton, *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça* (1999), *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas* (2003), *Sweeney Todd: O Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet* (2007), *Frankenweenie* (2012) e *Dumbo* (2019) evocam uma linguagem visual que é imediatamente reconhecível como “Burtonesca”, mas pode ser difícil de categorizar. Seja em papel, ou na tela, tanto o terror quanto o humor coexistem harmoniosamente. Elementos do Expressionismo Alemão, Surrealismo Pop, o “Grand Guignol” e o Gótico podem ser encontrados em toda a sua obra, que também é firmemente compassiva e cativante.

Enquanto a estética singular de Burton pode ser composta de vários estilos, o unificador em seus filmes e arte é a conexão empática e subjetiva que ele imprime em todas as facetas de suas criações. Sua criatividade ilimitada foi coletada em uma antologia abrangente, “The Art of Tim Burton” (2009), que revela a extensão completa de sua produção prolífica através de centenas de ilustrações. Com texto por Leah Gallo e design por Holly C. Kempf, esta compilação definitiva foi editada por Derek Frey, Gallo e Kempf e abrange quarenta anos de conceitos de filme do artista, idéias de livros, projetos não realizados e obras de arte pessoais.

A Beleza Sombria dos Monstros: Treze anos da Arte de Tim Burton celebra o aniversário da publicação do livro, transformando sua introdução e treze capítulos em quatorze galerias distintas que oferecem uma experiência física expandida do livro. Os ambientes imersivos e interativos destacam as inclinações cinemáticas de Burton - de dispositivos de animação pré-filme a filmes B de ficção científica dos anos 50 e 60 à inovadora tecnologia 3D, que ele usou para criar um efeito inovador em *Alice no País das Maravilhas* (2010) trazendo seus desenhos, pinturas e trabalhos de fotografia para a vida. A exposição, como a publicação reveladora, é uma jornada através da imaginação incomparável do artista — que desencadeia todas as criaturas bonitas que habitam seu cérebro.

Jenny He
Curadora

Esta exposição é organizada por Jenny He, Curadora Independente, em colaboração com a Tim Burton Productions, e apresentada São Paulo na Oca do Parque do Ibirapuera pela Rua 34 Produções.





Sim, vamos falar o nome dele três vezes. Tomem coragem e repitam esse nome. Não tenham medo. Vamos lá:

Tim Burton Tim Burton Tim Burton

E aconteceu de verdade. Ele está aqui, agora, na Oca do Ibirapuera. É com muita alegria e satisfação que apresentamos para o público de São Paulo a **Mostra de filmes a beleza sombria dos monstros: 13 anos de a arte de Tim Burton**. São 16 filmes, com exibições durante 2 finais de semana. Tudo isso para celebrar um dos cineastas estadunidenses mais admirados e celebrados de Hollywood.

Timothy Walter Burton, ou simplesmente Tim Burton nasceu em Burbank, na ensolarada Califórnia, em 25 de agosto de 1958. Vizinho dos grandes estúdios de cinema, encontrou na sétima arte o meio perfeito para expressar sua forma peculiar de ver o mundo ao seu redor. Oriundo da escola de belas artes começou como animador dos estúdios Disney para, aos poucos, conquistar seu espaço na indústria cinematográfica, e entrar de vez para a história

do cinema hollywoodiano com seus filmes tão marcantes. Assistir a um filme de Tim Burton é garantia de ver algo na tela do cinema com um apuro estético pouco visto em obras cinematográficas. É ter a possibilidade de viajar em histórias ao mesmo tempo em que podem ser um sonho ou um pesadelo. Mas tudo apresentado de uma forma lúdica, que enfeitiça e encanta crianças e adultos.

Como não se divertir com um casal de fantasmas que só quer sua casa de volta? Como não se emocionar com a história do homem que tem tesouras no lugar das mãos? Como não se aventurar com o drama do órfão que se esconde por trás de uma máscara de morcego? Como não se apaixonar por personagens tão assustadores e amáveis da terra do Halloween?

Tim Burton, como poucos, sabe mexer com nossas emoções, transpor para a tela do cinema os nossos sonhos e pesadelos. Tudo de uma forma tão especial que nos faz sentir atraídos por seres e lugares que normalmente teríamos repulsa.

Um universo ao mesmo tempo muito particular de um artista, que toca o espectador e se faz reconhecer, por muitas pessoas, não só no Brasil, como em todo o mundo. Tim Burton é um cineasta autor. Sabemos quando um filme tem sua assinatura, o seu olhar, o seu toque especial. E ter a oportunidade de conferir todo o

seu legado até aqui, de uma só vez e ainda, com seu total aval, é algo raro. Por isso, aproveitem ao máximo.

E não deixem sempre de dizer três vezes:

Tim Burton
Tim Burton
Tim Burton

Assim, esse doce pesadelo permanecerá sempre como uma ótima lembrança em suas memórias.

Breno Lira Gomes
Curador Mostra de Filmes

Breno Lira Gomes é jornalista, produtor e diretor da BLG Entretenimento. Assinou a curadoria de mostras como *El Deseo – O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar*; *Cacá Diegues – Cineasta do Brasil*; *A luz (imagem) de Walter Carvalho*; *Simply Nelson*; *Grande Othelo – O maior ator do Brasil*; *Pérola Negra: Ruth de Souza*; *Monstros no Cinema*; *Fábrica de Sonhos*; *Stephen King – O medo é seu melhor companheiro*; e *macaBRo – Horror Brasileiro Contemporâneo*.











Tim Burton, um autor de cinema

Laura Loguercio Cánepa



No mundo de lucros bilionários da grande indústria do cinema, Tim Burton parece abençoado com um “toque de Midas”. Mas enquanto suas obras e produtos licenciados já arrecadaram, juntos, mais de cinco bilhões de dólares ao redor do planeta, o cineasta sustenta, até certo ponto, um perfil de *outsider* na indústria, tocando projetos pessoais que nem sempre estão em sintonia com os padrões mais convencionais de Hollywood.

A carreira de Burton vicejou no mesmo mercado em que se consagraram, nos anos 1980, cineastas como Robert Zemeckis, Chris Columbus e James Cameron – herdeiros, por sua vez, dos territórios conquistados pelos “magos” do cinema fantasia, George Lucas e Steven Spielberg. Burton e seus contemporâneos alcançaram seus primeiros sucessos trabalhando com gêneros de grande apelo ao público infanto-juvenil – como o horror, a ficção-científica e a comédia fantástica – muitas vezes articulando os mais modernos efeitos especiais ao repertório do cinema B a que eles assistiam quando crianças. Mas a obra de Burton e sua própria imagem pública também dialogaram com a rebeldia punk e com a retomada de certo romantismo gótico dos anos 1980.

Para compreender a singularidade de Burton, uma noção que pode nos ajudar é a de *autoria*. O que caracteriza um *autor* de cinema,

em linhas gerais, é a existência de um modo próprio e reconhecível de representar o mundo, identificado por meio de certos temas e assuntos recorrentes, assim como de um estilo único para lidar com as técnicas propriamente cinematográficas: a encenação, a fotografia, a montagem e o desenho de som.

No que se refere às preferências temáticas, Burton parece obcecado pelo tema da exclusão daqueles que são diferentes. A partir de um imaginário livremente inspirado na tradição do cinema de fantasia, o diretor aborda figuras extraordinárias que, por isso mesmo, parecem não pertencer ao mundo no qual precisam viver. Mas a marginalidade não é o único elemento que suas criaturas têm em comum. Há nelas, também, características obsessivas. De modo geral, elas têm o objetivo de recuperar algo que perderam em algum momento de suas vidas, seja uma bicicleta (*As Grandes Aventuras de Pee-Wee*), a casa (*Os Fantasmas se Divertem*), a ligação com as figuras paterna ou materna (*A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*, *Peixe Grande*, *A Fantástica Fábrica de Chocolates*, *Dumbo*) ou mesmo a experiência do próprio nascimento (*Edward Mãos de Tesoura*, *O Estranho Mundo de Jack*). E essa busca pela recuperação de uma harmonia perdida não acontece só por meio de aventuras e peripécias, mas também de exercícios narrativos feitos pelas próprias persona-

gens, obrigadas a (re)pensar e (re)escrever suas histórias. Assim, como verdadeiras artistas, elas compartilham conosco suas memórias e as marcas de sua passagem, quase sempre conflituosa e frustrante, pelo mundo.

Quanto às características de estilo dos filmes de Tim Burton, sobressaem a cenografia fantástica, concebida muitas vezes como um cenário de animação ou de parque de diversões. Percebe-se também a onipresença da música de Danny Elfman, capaz de combinar andamentos de intenso suspense ao encanto das músicas infantis. Há ainda objetos ligados ao repertório do horror, que se repetem de filme para filme, como árvores apodrecidas, moinhos abandonados, corpos em decomposição, membros decepados, bonecos que ganham vida, escadarias vertiginosas, labirintos, portões caquéticos, cemitérios abandonados, objetos em tons escuros e contrastantes. O posicionamento das personagens no espaço reforça o contraste e a marcação dos temas do desajuste, da diferença, da obsessão. E há mais do que isso. Nos filmes de Tim Burton, há também uma grande quantidade de imagens amalgamadas pelas lembranças pessoais do artista, que observa tanto os produtos da sociedade de consumo quanto da indústria cultural com um olhar que é ao mesmo tempo crítico e nostálgico. Daí, talvez, possamos compreender seu interesse por tudo o que é perecível e descartável, e também pelos espaços suburbanos vistos como opressivos, porque sobrecarregados de quinquilharias domésticas e de pessoas quase sempre fantasiadas de si mesmas.

Mas, no que se refere às características autorais, há mais um elemento que deve ser observado na obra de Burton. São as parcerias profissionais estabelecidas pelo diretor, algumas delas baseadas em grandes amizades. A mais constante é com o já mencionado compositor Danny Elfman, com quem Burton trabalhou desde seu primeiro longa-metragem. Outra

parceria inescapável foi com o ator Johnny Depp, desde *Edward Mãos de Tesoura*. Também foram constantes as presenças das ex-esposas, as atrizes Lisa Marie e Helena Bonham Carter. Houve ainda outra parceria menos frequente, mas decisiva, com a escritora Caroline Thompson, responsável por roteirizar *Edward Mãos de Tesoura*, *O Estranho Mundo de Jack* e *Noiva Cadáver*. Há ainda outras a destacar, como com a produtora Denise Di Novi, nos anos 1990; com o fotógrafo francês Bruno Delbonnel, nos anos 2010; com o montador Chris Lebenzon desde *Batman – O Retorno*.

Entretanto, a parceria mais importante de Burton foi com o astro do horror Vincent Price (1911-1993), que trabalhou com ele no final da vida, estrelando seu primeiro curta, *Vincent* (1982), e também *Edward Mãos de Tesoura* e o documentário inacabado *Conversations with Vincent* (1994). A este ídolo do cinema de horror, Burton afirmou diversas vezes ter dedicado toda a sua carreira, somando a ele outros astros do cinema B como Christopher Lee, Michael Gough e Martin Landau. De fato, se observarmos a obra de Burton em seu conjunto, percebemos que seu carinho por intérpretes de vilões famosos resume muito bem sua obra única, que se apropria de um passado cinematográfico repleto de histórias apavorantes, para então recriá-lo como um espaço de criatividade e conforto destinado a abrigar figuras estranhas que finalmente parecem ter encontrado seu lugar no mundo.

Laura Loguercio Cánepa é Doutora em Multimeios pelo Instituto de Artes da UNICAMP em 2008; professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi desde 2009. É autora de diversas publicações sobre cinema fantástico, entre as quais a coletânea *Tim Burton, Tim Burton, Tim Burton*, organizada para a editora Estronho, em 2016. Também é autora de dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação (ECA-USP) intitulada *O expressionismo no cinema de Tim Burton*, concluída em 2002.



• LOBBY •
HAVE YOUR
PICTURE
TAKEN BY
DUNBO
The Amazing
Flying
ELEPHANT



People are strange: o cinema ímpar de Tim Burton

Rita Ribeiro



A frase, tema de uma das maravilhosas músicas de The Doors poderia bem resumir a trajetória cinematográfica de Tim Burton. Personagens inusitados. Histórias sombrias. Geralmente esses são os atributos mais comuns endereçados aos filmes do diretor. A estes acrescentamos outros que, acreditamos, lhe façam mais jus: não-convencional e sensível.

Burton transita entre histórias de terror como *Sleep Hollow*, *Sweeney Todd*, ficção científica em *Marte Ataca*, sacode o universo dos super-heróis com suas versões de *Batman*, e traz toda poesia e lirismo em *Edward Mãos de Tesoura* e *Peixe Grande e Suas Histórias*.

De onde vem tanta originalidade? O fantástico é um elemento que sempre fez parte do imaginário do ser humano. Toda sociedade tem seus mitos. Os mitos podem ser considerados os repositórios dos valores fundamentais de uma cultura. Podemos entender a necessidade da função fantástica como uma forma de nos permitir um distanciamento pelo imaginário da temporalidade e da noção da morte.

A fantasia, assim, congrega três subgêneros: o terror, o horror e a ficção científica. O traço comum entre os gêneros é que estes constituem-se por histórias criadas a partir do imaginário, apresentando, geralmente, elementos fantásticos ou sobrenaturais. Esse é o universo de Burton.

Nascido no final dos anos 1950, Burton cres-

ce em uma família de classe média normal. No entanto, a personalidade introvertida foi se afirmando aos poucos, fechando-o num universo próprio. “ Quando não se tem muitos amigos, nem uma vida social(...) você se distancia do resto da sociedade; é como se estivesse olhando por uma janela (...), mas existem muitos filmes bizarros por aí, então você consegue aguentar bastante tempo sem amigos”. (BURTON, 2015).

Esta que parece ser uma regra para a maioria dos adolescentes de hoje, que vivem mergulhados no universo imaginário das telas de smartphones e computadores, não poderia ser considerada como um parâmetro normal para um jovem dos anos 1960. A proximidade com o universo bizarro dos monstros poderia também ser explicada pelo próprio sentimento de exclusão que é atribuído a eles. O monstro pode ser entendido como todo aquele que se desvia do caminho dos padrões tradicionais. Pode estar de acordo com a norma das capacidades humanas e naturais, não necessariamente precisa ser uma criatura fantástica. O que faz um monstro é a diferença, um comportamento estranho que fará dele, um ser à parte.

Talvez essa seja uma boa explicação para o fascínio do jovem Burton que cresceu cercado por filmes B de terror. Nosso imaginário se constitui por várias experiências. Na obra de

Burton podemos reconhecer a influência desses produtos que foram, aos poucos, conquistando um universo de fãs.

Seu início nos estúdios Disney com o célebre curta *Vincent* (1982) já trazia a marca da atmosfera gótica que está presente em quase toda a filmografia do autor. Além de ser a história de um garotinho que encarna a atmosfera de terror a partir da leitura de Edgar Allan Poe, o curta é narrado por um dos mestres do filme B – Vincent Price, que aterrorizou sua geração interpretando dezenas de criaturas diabólicas.

E foi justamente Vincent Price um dos colaboradores naquele que Burton considera seu melhor filme: *Edward Mãos de Tesoura*, de 1990. O filme é um marco pois abriu para o grande público o universo imaginário de Burton. Universo esse povoado de criaturas estranhas, que se originam e se mesclam em diversas influências.

Assim como em *Edward* e em *Frankenweenie* (curta, 1984 e longa metragem, 2012) em que Burton retoma o mito de Frankenstein, sua obra é permeada por esses personagens que foram descobertos em sua infância e juventude. Dos *cards* que inspiraram *Marte Ataca* ao universo sombrio dos personagens que transitam em *Batman*. Como não se comover com o Pinguim de Danny DeVito? Burton, mesmo trazendo irreverência, humor negro e bizarrias em seus filmes, nos deixa sempre, mesmo que nas entrelinhas, perceber o adolescente que ainda se deslumbra com o mundo. Que sabe que o monstro dentro do armário pode, também, ser algo bem fofinho. Alguém duvida? Confira suas obras e depois me diga!







A dualidade humana na obra de Tim Burton

Julia Maass

Ao pensar no diretor Tim Burton e nos filmes criados por ele, uma palavra invade nossa mente: o fantástico. Quando vamos ao cinema já estamos preparados para vivenciar um espetáculo, sabemos que as imagens e as histórias projetadas à nossa frente, por mais reais que sejam, foram criadas com uma intenção.

O cinema é, por princípio, imaginação, imagem, ou seja, supõe uma presença na ausência. A projeção visual de um corpo significa que sua presença não passa de uma impressão, fantasmagoria, portanto, para que a “realidade” cinematográfica seja crível, a obra deve apresentar verossimilhança, permitindo que o público se identifique. É por isso que mesmo em filmes de ficção somos capazes de acreditar fielmente nos fatos mais mirabolantes exibidos.

Burton possui em seu gênio a maestria de orquestrar seus filmes ao ponto de mortos vivos, monstros, assassinos, alienígenas, enfim, os personagens mais excêntricos e as histórias mais improváveis cativarem até o mais cético dos homens. Isso se dá porque o diretor compreendeu o que é preciso para contar uma boa história.

Desde a Antiguidade, quando surge a Filosofia, a humanidade busca compreender como funciona sua representação e definir parâmetros para julgar aquilo que produz. Incontáveis filósofos pensaram nossos meios de expressão e

o que era motivo de prazer ou não. Daí surge a Estética, disciplina voltada aos estudos da arte e da beleza. A partir daí, também lança-se a tentativa de definir o belo e, por consequência, o seu “oposto”, o grotesco.

Apesar deste último não possuir tanta conceitualização teórica quanto seu contrário, está diretamente relacionado a ele. Muitas vezes a feiúra foi atrelada a valores negativos de caráter, à maldade, ao diabo, à morte, ao cômico — que desemboca na caricatura, ao repugnante e também ao fantástico.

A Modernidade e o Romantismo abriram as portas para um novo olhar sobre o feio enquanto libertação da criatividade das amarras perfeitas do Neoclassicismo. O grotesco passou a ser uma necessidade criativa que equilibra a obra de arte iluminando o outro lado da face humana. Vitor Hugo defendeu que só existe um tipo de beleza, mas inúmeros tipos de feiúra, portanto, o grotesco é sempre novo, inquietante, e por isso gera interesse e curiosidade.

Esse lado obscuro da realidade faz parte do belo. É a produção do contraste que gera a base para o drama e “o drama é a poesia completa”.

Apenas a arte, através da representação, permite a vivência do horror. É sua domesticação. Aristóteles já havia renunciado essa ideia quando considerava que era possível imitar de

maneira bela as coisas feias, mas os românticos elevaram o conceito de grotesco, percebendo-o como parte da verdade e fonte para a criação artística.

As obras de Tim Burton são o exemplo perfeito da mistura e equilíbrio dos gêneros. Seus personagens desajustados, feios, monstruosos, muitas vezes apresentam algum traço belo de caráter, ou vice versa. Edward Mãos de Tesoura que, mesmo desfigurado, possui a inocência de uma criança, enquanto seus vizinhos, aparentemente tão perfeitos, são fofoqueiros superficiais. Assim como as crianças da *Fantástica Fábrica de Chocolates* que desperdiçam a chance de participarem de um lugar mágico, feliz, doce, perfeito, ao se mostrarem tão arrogantes e mesquinhas. Estas características ainda ampliam a modéstia de Charlie Bucket, personagem contraponto.

Outra característica de harmonização dos contrários em Burton pode ser percebida no uso do humor, marca do grotesco. Ichabod, do filme *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*, um investigador forense de quem se espera coragem, mostra-se caricaturalmente medroso; os marcianos de *Marte Ataca!* que causam terror e pânico ao destruírem o planeta Terra enquanto se divertem, ou ainda *A Noiva Cadáver*, cujo argumento arpeja a espinha, mas foi produzido em forma de animação dentro do gênero musical, desestabilizando qualquer pré julgamento.

Filmes como *Peixe Grande*, *O Lar das Crianças Peculiares* e *Alice no País das Maravilhas* equilibram em suas histórias noções de realidade (ainda que ficcionais), verossimilhança e fantasia, abalando o sistema de crenças do espectador que tem que se reajustar a cada nova informação apresentada.

O ser humano é duplo, portanto, se reconhece na duplicidade das sensações e sentimentos. Ao trabalhar com conceitos que se contrastam e complementam, terror e humor, feiúra e beleza, maldade e bondade, realidade e fantasia,

Tim Burton constrói obras dramáticas completas, que jogam com a interpretação do espectador e fazem com que ele se perceba na liberdade e na complexidade que constituem sua própria natureza e é nessa identificação que surge o encantamento.

Julia Maass possui Mestrado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Paris I - Panthéon-Sorbonne. Trabalhou como diretora de imagem na Empresa Brasil de Comunicação e como fotógrafa, cinegrafista e editora de vídeo na Assessoria de Comunicação da Vice-presidência da República. Atualmente é professora no Centro Universitário de Brasília, UNICEUB, e no Centro Universitário IESB.





Tim Burton e a fantástica fábrica de filmes

Carlos Primati

Quando surgiu em cena, em rápida ascensão em Hollywood em meados dos anos oitenta, Tim Burton costumava ser considerado o esquisitão favorito do cinema – uma alcunha que não só aparentemente nunca o incomodou, mas que ele cuidadosamente cultivou. Sempre meticulosamente (des)arrumado, de cabelos desgrehados, sorriso sem graça e a expressão de quem está deslocado nas festas, Burton atraía as atenções de quem estava enjoado do glamour monótono das celebridades, sempre tão padronizadas.

Mas Tim é muito mais que um rostinho exótico: é um dos poucos – na verdade, pouquíssimos – cineastas do gênero fantástico que consegue aliar um pleno domínio dos temas, vertentes e regras desse tipo de narrativa, com o toque autoral e ao mesmo tempo de grande apelo popular. É uma combinação rara. Como um genuíno Georges Méliès dos tempos modernos, o americano se comprovou um mestre em todas as áreas do fantástico: dos contos de fadas e fantasias mágicas à ficção científica de discos voadores e histórias de super-heróis; além, é claro, do horror, tanto em obras de animação quanto com atores. E, dando seu toque pessoal, quase sempre adicionando uma dose de humor e absurdo que reinterpretem esses temas em cenários tipicamente ianques: o subúrbio das grandes metrópoles ou as cidadezi-

nhas do interior. Não necessariamente ácido, mas debochado, ridiculariza o “american way of life” em toda sua cafonice.

Burton, claro, não está sozinho; muito pelo contrário, está em muito boa companhia: talvez os únicos outros cineastas do gênero fantástico contemporâneos a ele que desenvolveram carreiras com obras ao mesmo tempo autorais e comerciais (em todas as expressões da fantasia, ficção científica e horror) são seu compatriota Terry Gilliam e o mexicano Guillermo del Toro. Com o colega de origem latina, Burton compartilha o fascínio por monstros gigantes e super-heróis, e uma certa inclinação ao sentimental mesclado ao macabro; com o americano, o encanto pela animação bizarra, contos de fadas, senso de humor nada convencional e histórias sobre cinema. Com ambos, a releitura dos elementos góticos e a predileção por protagonistas inadequados – além de um profundo desejo de subverter as convenções do cinema comercial.

Tim Burton conta que foi uma criança solitária que gostava de desenhar. Quando cresceu, a atividade lúdica lhe garantiu um emprego naquele que hoje é o estúdio mais poderoso do planeta: a Disney. Depois de adquirir alguma experiência com serviços quase protocolares em algumas produções de animação do estúdio, conseguiu prestígio suficiente dentro da firma

para fazer seus primeiros trabalhos autorais: a animação curta *Vincent* (1982), um poema gótico bem humorado narrado pelo icônico mestre do horror Vincent Price, e *Frankenweenie* (1984), um média-metragem que reinventa a história de Frankenstein com um cão de estimação revivido a base de eletricidade. As duas obras, realizadas em preto e branco, apontam de maneira clara as propostas estéticas e narrativas do diretor, que o acompanhariam por toda sua trajetória.

Fantasma e super-heróis

Seu primeiro longa-metragem de horror na verdade foi uma comédia surreal e sobrenatural: *Os Fantasmas Se Divertem* (1988), estrelada por Michael Keaton, na qual o humor peculiar já é bastante evidente – em especial na inesquecível cena em que fantasmas se apossam dos humanos para forçá-los a cantar e dançar “Day-O”, na voz de Harry Belafonte. O inesperado sucesso do filme foi um passo decisivo para o cineasta começar a consolidar sua carreira.

O primeiro indício de que ele era capaz de se relacionar com o entretenimento de massa e ao mesmo tempo manter sua assinatura como artista foi a ambiciosa empreitada de levar o super-herói Batman para as telas. O personagem das histórias em quadrinhos estava passando por uma revitalização nas *graphic novels*, reimaginado por talentos como Frank Miller e Alan Moore, quando a Warner Bros., detentora do catálogo da editora DC Comics, contratou Burton para dirigir o longa-metragem. Orçado em US\$ 35 milhões e lançado em 1989, arrecadou mais de dez vezes esse montante nas bilheterias; para a continuação *Batman, o Retorno* (1992), Burton teve um orçamento ainda mais generoso: cerca de US\$ 80 milhões para levar às telas sua visão sombria e pessimista de Gotham City e uma estética de inspiração expressionista.

Suas próximas empreitadas ampliaram o

leque do fantástico: *Edward Mãos de Tesoura* (1990) combina elementos de gótico e fantasia para evocar, mais uma vez, uma história com ecos de Frankenstein (o clássico de 1931, estrelado por Boris Karloff como o monstro, é seu filme predileto). Marcou também sua primeira parceria com o astro Johnny Depp, que nos próximos anos seria protagonista da cinebiografia *Ed Wood* (1994) e outras extravagâncias góticas de Burton, como *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça* (1999), *Sweeney Todd, o Barbeiro Demoniaco da Rua Fleet* (2007) e *Sombras da Noite* (2012).

O imaginário macabro do diretor se manifesta mais plenamente em sua versão de *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça* (1820), de Washington Irving, uma das mais importantes contribuições ianques à literatura de horror e quase inexplorada pelo cinema até então. Neste filme se nota a influência do italiano Mario Bava, um de seus cineastas favoritos, na abordagem do gótico, na mesma medida que outro de seus prediletos – o cult britânico *O Homem de Palha* (1973) – provavelmente inspirou, com sua cantoria, danças e personagens aloucados, o musical mórbido *Sweeney Todd*.

Mas se engana – e pode inclusive se decepcionar – quem busca em Burton um representante convencional do gótico: o macabro em sua obra é sempre salpicado pelo kitsch, pelo senso de autoparódia, quase sarcasmo, como se por baixo de toda aquela estética cinzenta, chuvosa e aparentemente tristonha estivesse um discurso galhofeiro sobre a discordância destes elementos na ensolarada e colorida Califórnia (a terra natal do diretor) ou na América como um todo.

Entre a distopia e a fantasia

As convicções estéticas (e mesmo ideológicas, se podemos chegar a tanto) se mantiveram quando o diretor enveredou pela ficção científica. *Marte Ataca!* (1996) é uma deliciosa

aventura retrô sobre invasão alienígena com uma das inspirações mais singulares de todo o cinema: uma coleção de “cards” colecionáveis que vinham em embalagens de chiclete, lançada originalmente em 1962. O elenco estelar (Jack Nicholson e Glenn Close, só para começar) é apenas uma decoração luxuosa nesta história sobre um grupo de excluídos que salvará a América – e, por extensão, o mundo – de marcianos extremamente agressivos ao som de “It’s Not Unusual”, de Tom Jones.

Em seguida o diretor lançou seu olhar a um futuro distante (e primitivo) na reimaginação do clássico distópico *O Planeta dos Macacos* (2001), um projeto antigo que havia passado pelas mãos de inúmeros diretores, e que embora seu resultado em geral não seja considerado satisfatório, faturou quase o dobro de seu orçamento estimado em US\$ 100 milhões.

Os contos de fadas sempre foram uma paixão do diretor: suas primeiras obras do tipo foram as produções para a televisão *Hansel and Gretel* (1983) e *Aladdin and His Wonderful Lamp* (1986). Mas foi a partir do começo dos anos 2000 que Burton explorou mais assiduamente suas possibilidades, tanto em obras dramáticas e mais adultas como *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas* (2003) quanto em revisões de clássicos infanto-juvenis como *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (2005) e *Alice no País das Maravilhas* (2010).

Sempre retornando à sua antiga casa, Burton prosseguiu produzindo em parceria da Walt Disney Pictures, refazendo *Frankenweenie* (2012) numa superprodução em preto e branco, com animação em stop-motion, e dando vida ao mais amado filhote de elefante em *Dumbo* (2019). Praticamente um rebelde em meio a uma produção em grande parte pasteurizada e previsível, Tim Burton se mantém relevante no cinema comercial, e um dos raros talentos que ainda despertam um interesse genuíno sempre que anuncia um novo projeto.

Todos sabem que devem esperar uma extravagância típica de uma mente imaginativa e inconvençional, mas que nunca deixa de surpreender e encantar.

Carlos Primati é pesquisador de cinema, curador, crítico (membro da Abraccine), tradutor e editor, especializado no gênero fantástico, ministra cursos e palestras sobre horror, ficção científica e fantasia, em diversos eventos voltados ao tema e em instituições como SESC e MIS-SP. Escreve sobre cinema para inúmeras publicações e lançamentos em home video, colaborando em livros das editoras DarkSide, Clepsidra, Diário Macabro e outras, e para DVDs e Blu-rays da Versátil, Obras-Primas do Cinema e DarkFlix. Contribuiu com catálogos de mostras como Hitchcock, Monstros no Cinema, Rock Terror, George Romero, Stephen King, Hammer e Terry Gilliam. Foi um dos curadores, juntamente de Breno Lira Gomes, da mostra macaBRo, produzida pelo CCBB e exibida online com muito sucesso pela plataforma DarkFlix em outubro/novembro de 2020.

Filmografia

Filmes amadores

The Island of Doctor Agor (idem, 1971)
Houdini: The Untold Story (idem, 1971)
Stalk of Celery Monster (idem, 1979)
Doctor of Doom (idem, 1979)
Luau (idem, 1982)

Curtas-metragens

Vincent (idem, 1982)
Frankenweenie (idem, 1984)
Stainboy (idem, 2000)

Telefilmes

João e Maria (Hansel and Gretel, 1982)
Alfred Hitchcock Apresenta: O Jarro (Alfred Hitchcock Presents: The Jar, 1985)
O Teatro dos Contos de Fadas: Alladin e Sua Lâmpada Maravilhosa (Shelley Duvall's Faerie Tale Theater: Alladin and His Wonderful Lamp, 1986)

Longas-metragens

As Grandes Aventuras de Pee-Wee (Pee-Wee's Big Adventure, 1985)
Os Fantomas se Divertem (Beetlejuice, 1988)
Batman (idem, 1989)
Edward Mãos de Tesoura (Edward Scissorhands, 1990)
Batman: O Retorno (Batman Returns, 1992)
Ed Wood (idem, 1994)
Marte Ataca (Mars Attacks!, 1996)
A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça (Sleepy Hollow, 1999)
Planeta dos Macacos (Planet of the Apes, 2001)
Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas (Big Fish, 2003)
A Fantástica Fábrica de Chocolate (Charlie and the Chocolate Factory, 2005)
A Noiva Cadáver (Corpse Bride, 2005)
Sweeney Todd: O Barbeiro Demoniaco da Rua

Fleet (Sweeney Todd: The Demon Barber of Fleet Street, 2007)

Alice no País das Maravilhas (Alice in Wonderland, 2010)

Sombras da Noite (Dark Shadows, 2012)

Frankenweenie (idem, 2012)

Grandes Olhos (Big Eyes, 2014)

O Lar das Crianças Peculiares (Miss Peregrine's Home for Peculiar Children, 2016)

Dumbo (idem, 2019)

Produtor

O estranho mundo de Jack (The Nightmare Before Christmas, 1993)

*Fonte: FERENCZI, Aurélien (org.). Masters of Cinema: Tim Burton. Paris: Cahiers du Cinema, p. 98-100, 2010.



Programação Oca

Sábado, 23 de julho

10h30 **A noiva cadáver** (dublado)

14h **O estranho mundo de Jack** (dublado)

16h **Sweeney Todd: O barbeiro demoníaco da Rua Fleet**

19h **Edward mãos de tesoura**

Domingo, 24 de julho

10h30 **A fantástica fábrica de chocolate** (dublado)

14h **Frankenweenie** (dublado)

16h **Sombras da noite**

19h **Batman**

Sábado, 30 de julho

10h30 **Dumbo** (dublado)

14h **Peixe grande e suas histórias maravilhosas**

16h40 **A lenda do cavaleiro sem cabeça**

19h **Batman: o retorno**

Domingo, 31 de julho

10h30 **Alice no país das maravilhas** (dublado)

14h **Marte ataca!**

16h20 **Ed Wood**

19h **Os fantasmas se divertem**

Oca do Parque Ibirapuera (último andar)

Av. Pedro Álvares Cabral, s/n, portão 3 – Vila Mariana, São Paulo.

Ingressos R\$30,00 (inteira) e R\$15,00 (meia)



Sinopses filmes mostra

Longa-metragens

OS FANTASMAS SE DIVERTEM

Beetlejuice 1988 · 92 min, livre · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Após morrerem quando o carro deles cai em um rio, Barbara e Adam Maitland se veem como fantasmas que não podem sair da sua casa de campo na Nova Inglaterra, pois antes que possam ganhar suas asas têm que ocupar a casa como fantasmas pelos próximos cinquenta anos. A paz é rompida quando Charles e Delia Deitz, um casal de novos-ricos, compra a casa. Mas os Maitland são inofensivos como fantasmas e os esforços para espantar os novos proprietários são em vão. E se o casal não fica apavorado, Lydia Deitz, a excêntrica e dark filha deles, pode ver e falar com Barbara e Adam, que contratam os serviços de um tal Beetlejuice para assustar os moradores.

BATMAN

1989 · 126 min, 12 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Em Gotham City o milionário Bruce Wayne, que quando jovem teve os pais assassinados por bandidos, resolve combater o crime como Batman, o Homem-Morcego. Mas chega o dia em que o vilão Coringa decide dominar a cidade e se torna um grande desafio para o herói.

EDWARD MÃOS DE TESOURA

Edward Scissorhands 1990 · 105 min, 14 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Peg Boggs é uma vendedora da Avon que acidentalmente descobre Edward, jovem que mora sozinho em um castelo no topo de uma montanha, criado por um inventor que morreu antes de dar mãos ao estranho ser, que possui apenas enormes lâminas no lugar delas. Isto o impede de poder se aproximar dos humanos, a não ser para criar revolucionários cortes de cabelos, mas ele dá vazão à sua solidão interior ao podar a vegetação em forma de figuras ou esculpir lindas

imagens no gelo. No entanto, Edward é vítima da sua inocência e se é amado por uns, é perseguido e usado por outros.

BATMAN: O RETORNO

Batman Returns 1985 · 126 min, 12 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Com o objetivo de manipular Gotham City, um milionário tenta transformar Pinguim, um ser deformado que tinha sido abandonado ainda bebê nos esgotos, em prefeito da cidade. Como se isto não bastasse, surge a Mulher-Gato que, apesar de ser linda e sedutora, também tem dupla personalidade.

ED WOOD

1988 · 92 min, livre · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Um retrato exótico da vida de Ed Wood, com relatos focados nos anos 1950, quando o diretor se envolveu com um bando de atores desajustados, incluindo um Béla Lugosi em fim de carreira. Durante esta época, ele produziu filmes de péssima qualidade, que o fizeram passar para a história como o pior diretor de todos os tempos.

MARTE ATACA

Mars Attacks! 1996 · 106 min, 14 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Os marcianos invadem nosso planeta, matando e destruindo tudo no caminho, por pura diversão e com o intuito de transformar a Terra num “parque de diversões”. Se ninguém achar uma maneira de detê-los, a raça humana está condenada à extinção.

A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA

Sleepy Hollow 1999 · 105 min, 18 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Em 1799, uma série de crimes envolvendo inocentes acontece no pequeno vilarejo de Sleepy Hollow. Para investigar o caso é chamado o detetive nova-iorquino Ichabod Crane, um excêntrico e determinado oficial de polícia com um

jeito avant-garde de solucionar crimes. Os métodos investigativos de Ichabod serão postos à prova neste caso, que envolve um ser sobrenatural que pode ser o causador de todos os crimes.

PEIXE GRANDE E SUAS HISTÓRIAS MARAVILHOSAS

Big Fish 2003 · 125 min, Livre · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Ed Bloom é um grande contador de histórias. Quando jovem, Ed saiu de sua pequena cidade-natal, no Alabama, para realizar uma volta ao mundo. A diversão predileta de Ed, já velho, é contar sobre as aventuras que viveu neste período, mesclando realidade com fantasia. As histórias fascinam todos que as ouvem, com exceção de Will, filho de Ed. Até que Sandra, mãe de Will, tenta aproximar pai e filho, o que faz com que Ed enfim tenha que separar a ficção da realidade de suas histórias.

A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE

Charlie and the Chocolate Factory 2005 · 115 min, Livre · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Willy Wonka é o excêntrico dono da maior fábrica de doces do planeta, que decide realizar um concurso mundial para escolher um herdeiro para seu império. Cinco crianças de sorte, entre elas Charlie Bucket, encontram um convite dourado em barras de chocolate Wonka e com isso ganham uma visita guiada pela lendária fábrica de chocolate, que não era visitada por ninguém há 15 anos. Encantado com as maravilhas da fábrica, Charlie fica cada vez mais fascinado com a visita.

A NOIVA CADÁVER

Corpse Bride 2005 · 78 min, Livre · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Em um vilarejo europeu do século XIX vive Victor Van Dort, um jovem que está prestes a se casar com Victoria Everglot. Porém acidentalmente Victor se casa com a Noiva-Cadáver, que o leva para conhecer a Terra dos Mortos.

Desejando desfazer o ocorrido para poder enfim se casar com Victoria, aos poucos Victor percebe que a Terra dos Mortos é bem mais animada do que o meio vitoriano em que nasceu e cresceu.

SWEENEY TODD: O BARBEIRO DEMONÍACO DA RUA FLEET

Sweeney Todd: The Demon Barber of Fleet Street 2007 · 116 min, 16 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Benjamin Barker passou 15 anos afastado de Londres, após ser obrigado a deixar sua esposa e sua filha. Ele retorna à cidade ávido por vingança, usando a alcunha de Sweeney Todd. Logo que chega, decide ir à sua antiga barbearia, agora transformada em uma loja de fachada para vender as tortas feitas pela Sra. Lovett. Com o apoio dela, Todd volta a trabalhar como barbeiro, numa sala acima da loja. Porém, seu grande objetivo é se vingar do juiz Turpin, que o enviou para a Austrália sob falsas acusações, para que pudesse roubar sua mulher Lucy e sua filha.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Alice in Wonderland 2010 · 109 min, 12 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Alice é uma jovem de 17 anos que passa a seguir um coelho branco apressado, que sempre olha no relógio. Ela entra em um buraco que a leva ao País das Maravilhas, um local onde esteve há dez anos, apesar de nada se lembrar dele. Lá ela é recepcionada pelo Chapeleiro Maluco e passa a lidar com seres fantásticos e mágicos, além da ira da poderosa Rainha de Copas.

SOMBRAS DA NOITE

Dark Shadows 2012 · 113 min, 14 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Joshua e Naomi Collins deixam a cidade inglesa de Liverpool juntamente com o filho, Barnabás, rumo aos Estados Unidos. A intenção deles era escapar de uma terrível maldição que atingiu a família. Vinte anos depois, Bar-

nabás é um playboy inveterado que tem a cidade de Collinsport aos seus pés. Após seduzir e partir o coração de Angelique Bouchard, sem saber que era uma bruxa, ele é transformado em vampiro e preso numa tumba por dois séculos.

FRANKENWEENIE

2012 · 87 min, 10 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Victor adora fazer filmes caseiros de terror, quase sempre estrelados por seu cachorro Sparky. Quando o cão morre atropelado, Victor fica triste e inconformado. Inspirado por uma aula de ciências que teve na escola, na qual um professor mostra ser possível estimular os movimentos através da eletricidade, ele constrói uma máquina para reviver Sparky. O experimento dá certo, mas o que Victor não esperava era que seu melhor amigo voltasse com hábitos um pouco diferentes.

DUMBO

2019 · 128 min, 10 anos · Diretor: Tim Burton · Sinopse: Ex-astro de circo retorna da guerra e dá de cara com um mundo em dificuldades. Seu circo atravessa uma fase financeira complicada e ele acaba encarregado de cuidar de um filhote de elefante, cujas orelhas chamam a atenção de todo mundo pelo seu tamanho descomunal. O que ele não imagina é que aquelas grandes orelhas, servem para fazer o elefantinho... Voar! Quem sabe assim o circo não possa ser salvo? Remake do desenho animado de mesmo nome realizado pela Disney em 1941.

Longa-metragem Autor/Produtor

O ESTRANHO MUNDO DE JACK

The Nightmare Before Christmas 1993 · 77 min, Livre · Diretor: Henry Selick · Produtor: Tim Burton e Denise Di Novi · Sinopse: Jack Skellington é um ser fantástico que vive na Cidade do Halloween, um local cercado por criaturas fantásticas. Lá todos passam o ano organizando a festa de Halloween do ano seguinte. Após mais um Halloween, Jack se mostra cansado de fazer aquilo todos os anos. Assim, ele deixa os limites da Cidade do Halloween e vagueia pela floresta, onde por acaso acha alguns portais, sendo que cada um leva até um tipo festividade. Jack acaba atravessando o portal do Natal, onde vê demonstrações do espírito natalino.



Créditos

Equipe exposição

Curadoria

Jenny He

Tim Burton Productions

Brandi Pomfret

Concepção

Leo Rea Lé e Naum Simão

Relações institucionais

Suzana Campos Souza

Coordenação e direção geral

Leo Rea Lé e Naum Simão

Relações internacionais

Lipe Tortoro

Cláudio de Matos

Realização

Rua 34 Produções Artísticas

Produção

Colecta Produções

Direção de produção

André Lucena

Produção Executiva

Luli Hunt

Coordenação de Produção

Tati Nunes

Produção técnica

Helton Madrona

Produtores Assistentes

Davi Matias

Julio Santos

Equipe mostra de filmes

Curadoria e Produção Mostra de Filmes

Breno Lira Gomes – BLG Entretenimento

Colecta Produções e Eventos

Assistente de curadoria e produção

Daniela Barbosa

Direção de produção

André Lucena

Produção técnica

Helton Madrona

Produtores assistentes

Davi Matias

Julio Santos

Audiovisual

Maxi Áudio, Luz e Imagem

Equipe catálogo mostra de filmes

Organização

Breno Lira Gomes

Coordenação Editorial

Baltazar Produção & Conteúdo

Revisão de Textos

Antero Leivas

Carlos Primati

Projeto gráfico

Folha Verde Design

Artigos

Jenny He

Julia Maass

Laura Loguercio Cánepa

Rita Ribeiro

Breno Lira Gomes

Carlos Primati

Agradecimentos especiais

Tim Burton

Jenny He

Agradecimentos

Abraão Silvestre, Adriana Cristovão, Angélica Coutinho, Antero Leivas, Arthur Senra, Carlos Primati, Catharina Attema, Cecília Barroso, Debora Neri, Editora Leya, Fernanda Teixeira, Giuliana Danza, Gregory Baltz, Guilherme Lopes Moura, Jaque Del Debbio, João Beltrão, João Silva, Julia Maass, Karen Lima, Larry McCallister, Laura Loguercio Cánepa, Livia Maria Villela de Mello Motta, Luiz Patolli, Lygia Santos, Madalena Martins, Marcelo Miranda, MIS – Museu da Imagem e do Som de São Paulo, Monique Avelino, Paramount Pictures (Brasil), Raquel Almeida, Renan Pessanha Daniel, Renato Bissa, Rita Ribeiro, Samuel Ferreira, Sávio Leite, The Walt Disney Company (Brasil), Thiago Sabino, Tiago Belotti e Warner Bros. (Brasil).

Crédito das imagens

Disney: p. 6, 10, 12, 15, 16, 20, 23, 31

Paramount Pictures: p. 24, 35

Warner Bros.: p. 8, 9, 29

20th Century Fox: p. 19, 38

Leah Gallo: p. 4

Os artigos escritos por Julia Maass, Laura Loguercio Cánepa e Rita Ribeiro, foram publicados originalmente na primeira edição desse catálogo em 2019.

A Beleza Sombria dos Monstros: 13 anos de A arte de Tim Burton

Lira Gomes Breno (org.)

2ª edição

ISBN 978-65-86448-10-8

Julho de 2022

Produção editorial *Baltazar Produção e Conteúdo*

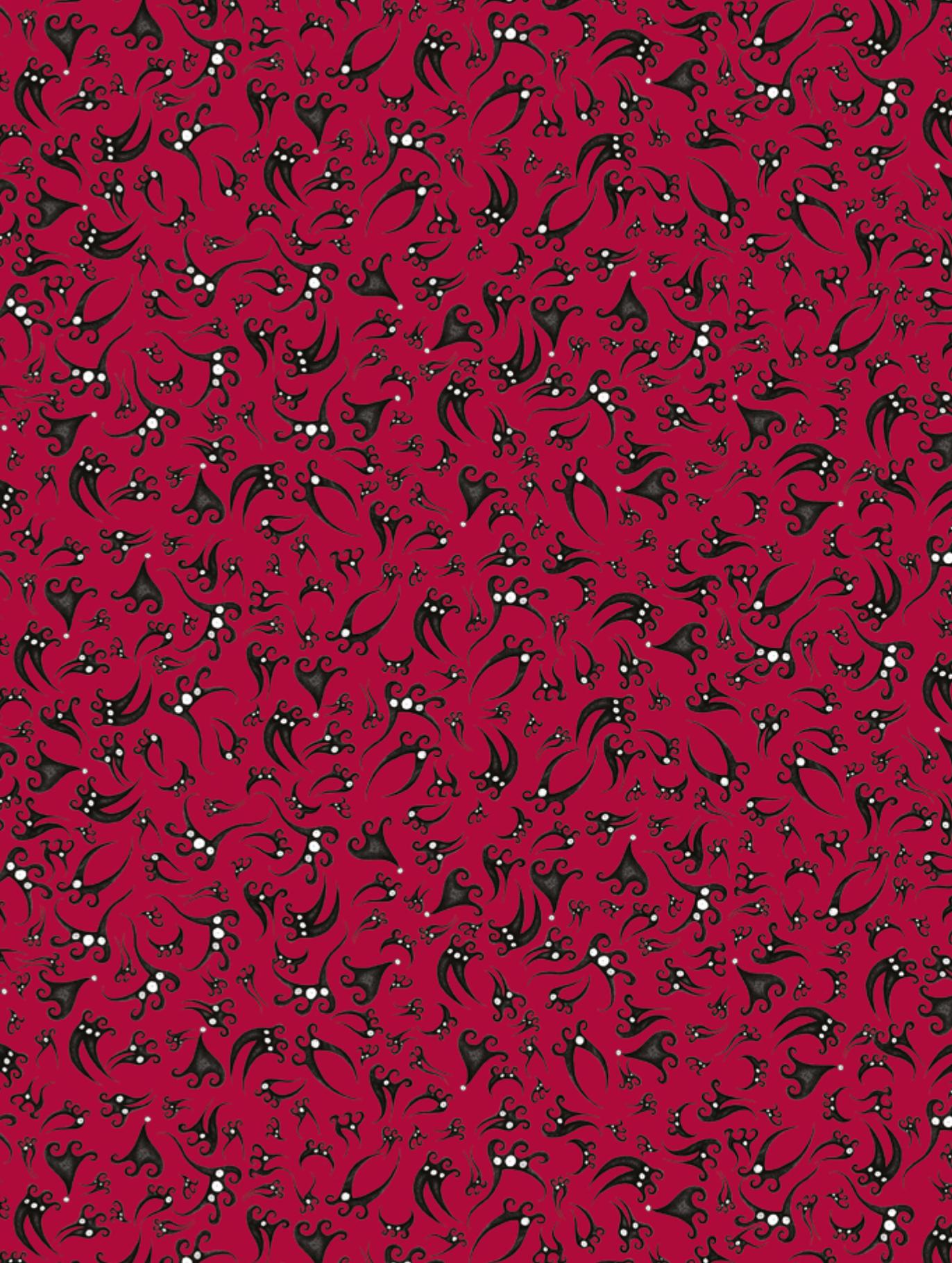
Revisão de textos *Antero Leivas e Carlos Primati*

Identidade Visual *Moovio*

Projeto Gráfico Catálogo *Folha Verde Design*

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização dos organizadores.







Crédito da imagem: Disney. Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-65-86448-10-8 | Venda proibida

Apresenta:

Patrocina:



Apoia:

Realiza:

